

Encontros no exílio: o lugar para onde podemos migrar

Soraya Soubhi Smaili¹

Resumo: O texto resgata a trajetória do projeto Al Mahjar, concebido por Aziz Ab'Saber no âmbito do Instituto da Cultura Árabe (ICArabe), como uma resposta à crescente estigmatização da cultura árabe e ao apagamento histórico de suas contribuições à humanidade. Inspirado pelo legado de Edward Saïd e seu combate ao Orientalismo, o projeto propôs o registro das memórias de imigrantes árabes e seus descendentes no Brasil, revelando a influência duradoura da cultura árabe na identidade brasileira, inclusive anterior às grandes levadas migratórias. Reunindo pesquisadores e instituições parceiras, como a Cátedra Edward Saïd da Unifesp, a Câmara de Comércio Árabe Brasileira (CCAB) e a Universidade de Kaslik, o Al Mahjar consolida-se como uma plataforma de memória, resistência e celebração da diversidade, reafirmando a importância da imigração árabe na construção do país e abrindo novos ciclos de pesquisa.

Palavras-chave: Mahjar; Aziz Ab'Saber; Edward Saïd; Instituto da Cultura Árabe; Orientalismo.

ENCOUNTERS IN EXILE: THE PLACE TO WHICH WE CAN MIGRATE

Abstract: The text revisits the trajectory of Al Mahjar project, conceived by Aziz Ab'Saber within the framework of the Arab Culture Institute (ICArabe), as a response to the growing stigmatization of Arab culture and the historical erasure of its contributions to humanity. Inspired by the legacy of Edward Saïd and his critique of Orientalism, the project aimed to document the memories of Arab immigrants and their descendants in Brazil, revealing the enduring influence of Arab culture on Brazilian identity, even prior to the major waves of migration. Bringing together researchers and partner institutions such as the Edward Saïd Chair at Unifesp, the Arab Brazilian Chamber of Commerce (CCAB), and the University of Kaslik, Al Mahjar has established itself as a platform for memory, resistance, and the celebration of diversity, reaffirming the importance of Arab immigration in the shaping of the country and opens new research cycles.

Keywords: Mahjar; Aziz Ab'Saber; Edward Saïd; Arab Culture Institute; Orientalism.

Este texto é uma oportunidade para contar uma das muitas histórias que vivemos com o professor Aziz Ab'Saber, mas também uma forma de resgatar um projeto de pesquisa e extensão que foi — e continua sendo — importante para muitas pessoas e para

¹ Professora Titular e Livre-Docente da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), com pós-doutorados na Thomas Jefferson University e no National Institutes of Health (NIH), EUA. Foi coordenadora de Pós-Graduação (2006-2012), reitora da Unifesp por dois mandatos, 2013-2017 e 2017-2021 e uma das idealizadoras da Cátedra Edward Saïd da Unifesp. Conselheira da Fundação Conrado Wessel. Coordena o Centro Sociedade, Universidade e Ciência (SOU_CIENCIA) e o Centro de Saúde Global (CSG). Eleita vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) para o biênio 2025-27. E-mail: ssmaili@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5844-1368>.

a área sobre memória e exílio. Trata-se do *Al Mahjar*², plataforma de memórias e estudos sobre a imigração árabe no Brasil, iniciada pelo Instituto da Cultura Árabe (ICArabe). Talvez tenha sido o desejo de realizar este projeto que aproximou o professor Aziz de um grupo, há alguns anos, que ele percebia como capaz de dar vazão a uma de suas ideias mais caras e que ele guardou para o final de sua vida de buscas pelo conhecimento — e que acabou sendo especial para muitos de nós.

Porém, antes de falar do *Al Mahjar*, é preciso trazer o momento de criação do Instituto da Cultura Árabe, cuja semente foi lançada em 2003. O mundo vivia um momento vigoroso de um processo de disseminação do ódio contra os árabes, impulsionado pela queda das torres gêmeas em Nova York, em setembro de 2001, e pela eleição de George W. Bush, nos Estados Unidos, cuja campanha pela invasão do Iraque — sob o pretexto da destruição de armas químicas que jamais foram encontradas — contribuiu para a devastação e divisão daquele país. A partir desses eventos, consolidou-se um discurso global de antagonismo e de discriminação à cultura árabe e aos povos árabes.

Durante o século XX, e mesmo antes de 2001, já havia uma campanha de rebaixamento da cultura árabe, marcada pela tentativa de apagar o legado de uma civilização que trouxe avanços significativos às artes, à medicina, à música, à matemática, à literatura e à ciência. Parte dessa estratégia envolveu a construção de uma imagem distorcida de um povo supostamente sem cultura ou instrução, frequentemente representado por meio de estereótipos exóticos e depreciativos. O livro de Jack Shaheen, *Reel Bad Arabs*, e o filme com base neste trabalho³, demonstram com clareza como Hollywood vilificou esse povo por meio de personagens caricatos, ou seja, personagens exóticos, estúpidos, bandidos ou figuras desumanas. Após 2001, esse discurso foi reforçado pela alegação de que os árabes seriam contrários aos valores do Ocidente, incluindo a democracia, os direitos humanos, a verdade e a laicidade.

Em 2003, com o falecimento de Edward Saïd, reconhecido intelectual palestino, após anos de luta contra a leucemia, emergiram novos episódios que evidenciaram a construção de imagens negativas sobre os árabes — em especial sobre os palestinos. Professor da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, Saïd foi referência nacional e internacional. Partindo de seus estudos sobre o Orientalismo na década de 1970, ele publicou uma obra que marcou o início de sua trajetória como pesquisador e orador de referência. Em seu livro seminal, *Orientalismo*, Saïd descreve e analisa como o Ocidente construiu uma imagem exótica e inferior do Oriente, além de ter descrito as raízes dessa construção e analisado os impactos na vida e na cultura daqueles povos (Saïd, 2007). Além deste trabalho, seus estudos de maneira geral, influenciaram gerações, tanto por suas reflexões sobre o papel do intelectual, sobre a identidade palestina, quanto pela análise crítica das transformações políticas no Oriente Médio (ver em Saïd, 1996; 2005).

Além de intelectual, Saïd era também um talentoso pianista e profundo conhecedor de música. Sua amizade com o maestro Daniel Barenboim resultou na criação da Orquestra West-Eastern Divan e da Fundação Barenboim-Saïd. Poucos meses

² O termo *Al-Mahjar* (em árabe: المهجر) significa literalmente “a diáspora” ou “o exílio” e refere-se ao movimento de imigração de árabes — principalmente sírios, libaneses e palestinos — para as Américas nos séculos XIX e XX. Também designa um movimento literário formado por escritores da diáspora, especialmente nos Estados Unidos e na América Latina, que contribuíram para a renovação da literatura árabe ao criar pontes entre o Oriente e o Ocidente.

³ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Reel_Bad_Arabs. Acesso em 24 de jun. 2025.

antes de seu falecimento, ambos receberam o Prêmio Príncipe de Astúrias, em reconhecimento ao impacto desse trabalho⁴. Edward Saïd foi um mestre também ao descrever e trabalhar a ideia da migração e a dor do exílio, ele próprio nascido na Palestina histórica e obrigado a sair de sua casa ainda menino junto com sua família, tendo se tornado um imigrante e posteriormente residente nos EUA, onde formou família e desenvolveu a sua brilhante carreira. Mesmo com a sua trajetória exemplar, em 2003, logo após o seu falecimento, o jornal Folha de S. Paulo publicou um artigo ofensivo e repleto de falsidades sobre ele, inclusive duvidando de sua origem. A resposta dos pesquisadores e escritores brasileiros foi imediata: diversos intelectuais brasileiros, muitos de origem judaica, organizaram o Manifesto dos 187, que deu origem a um ato público em homenagem a Saïd, reunindo centenas de pessoas em São Paulo⁵.

Desse encontro, surgiu a proposta de criação do Instituto da Cultura Árabe, formulada por Francisco Miraglia, e partindo da ideia de Aziz Ab`Saber, que englobava o desenvolvimento de um projeto voltado à coleta de histórias de vida de imigrantes e seus descendentes. É neste primeiro momento que o *Mahjar* possibilita um encontro entre pessoas que sentiram de maneira diferente o exílio, a começar por Saïd, passando por filhos e descendentes no Brasil e chegando a Aziz Ab`Saber. Como verificamos mais tarde, o exílio estava bastante vivo também no pensamento e nas atuações de Aziz após este encontro imaginário com o “Fora de Lugar” - referência ao livro de Saïd (2005). Após a criação do ICarabe, vieram muitos projetos e os primeiros passos do projeto *Al Mahjar*, uma plataforma para reunir todos aqueles e aquelas que desejassem contar a história de suas famílias, não apenas descendentes diretos, mas qualquer pessoa interessada em preservar essa memória coletiva.

O recém-criado Instituto da Cultura Árabe, em 2004, tinha uma proposta de ser um centro laico e sem fins lucrativos, com o objetivo de divulgar a cultura árabe em suas múltiplas expressões, além de resgatar o passado e mostrar a vitalidade dessa cultura no século XXI. Uma cultura marcada pela pluralidade e pela história de séculos, por abrigar diversas religiões e por ser composta por 22 países. Aos que se aproximaram do Instituto, ficou evidente não só o processo histórico de desqualificação de uma cultura milenar, mas também a urgência para possibilitar acesso à informação e ao debate público sobre o mundo árabe e a imigração.

Aziz Ab`Saber foi um dos grandes incentivadores do Instituto, trazendo reflexões, formas de atuação e tendo sido indicado como único Presidente de Honra. Foi nesse cenário que Aziz afirmou: “é preciso que cada um e cada uma conte a história de seus antepassados, aquilo que souber, e como isso se conecta com sua história presente”. Aziz compreendia que esses registros eram fundamentais, não apenas para a história da imigração árabe no Brasil, mas para o reencontro das pessoas com seus valores individuais e subjetivos. Dessa necessidade, surgiu o Núcleo de Imigração do Instituto, responsável por registrar relatos orais e escritos. Em seguida, foi criado o *Al Mahjar*, inspirado na obra do professor Roberto Khatlab, da Universidade Saint-Esprit de Kaslik, no Líbano. Em seus estudos, Khatlab resgatou a visita do Imperador Dom Pedro II ao Líbano — o primeiro chefe de Estado brasileiro a visitar o país — e seu fascínio pela cultura local, evidenciando as semelhanças culturais libanesas com o Brasil (Khatlab, 2015)

⁴ Disponível em: <https://www.fpa.es/en/princess-of-asturias-awards/laureates/2002-daniel-barenboim-and-edward-said/?texto=discurso>. Acesso em 24 de jun. 2025.

⁵ Disponível em: <https://www.icarabe.org/cadernos-icarabe/manifesto-dos-187>. Acesso em 24 de jun. 2025.

O *Al Mahjar* possibilitou que Aziz contasse a história de sua própria família, de seu pai libanês, Nacib, e de mãe cabocla. Narrador apaixonado, Aziz relatava episódios fragmentados e envolventes da saga de Nacib e Nacibinho, e suas viagens atravessando oceanos e, ao mesmo tempo, iluminando a sua própria identidade. Ao ouvi-lo, muitos se sentiram instigados a buscar nossas próprias origens.

O *Al Mahjar* passou a reunir e sistematizar as histórias das diversas comunidades árabes no Brasil: sírios, libaneses, palestinos, egípcios, iraquianos, marroquinos, tunisianos e jordanianos, entre outros. As contribuições dessas comunidades à sociedade brasileira são vastas e incontestáveis. Hoje, estima-se que o número de descendentes de sírios e libaneses no Brasil ultrapasse a própria população do Líbano. A origem dessa presença disseminada foi objeto de diferentes estudos, que revelaram trajetórias marcadas por atividades de mascates que desbravaram o interior do país, assim como empresários, intelectuais e jornalistas que também contribuíram com a formação política e cultural da sociedade brasileira.

Inicialmente, foi formulado por pesquisadores como Sabrina Moura, Silvia Antibas, Dolores Biruel, Oswaldo Truzzi, Samira Osman e Geraldo Godoy Campos, entre outros, e seu acervo — composto por fotos, vídeos, documentos e depoimentos — foi digitalizado com apoio da Câmara de Comércio Árabe Brasileira e, mais recentemente, da Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade da Unifesp e a Universidade de Kaslik. Curiosamente, vinte anos depois do primeiro encontro, Aziz e Saïd estão, simbolicamente, juntos outra vez.

O projeto também impulsionou o desenvolvimento da exposição *Amrik: A presença árabe na América do Sul*, promovida pelo ICArabe durante a Cúpula dos Países Árabes e América do Sul, realizada pelo governo Lula, em 2005. Essa exposição gerou um dos mais belos documentos imagéticos sobre a imigração árabe, hoje parte do acervo do *Al Mahjar*⁶.

Estudar a imigração árabe é, também, compreender a influência profunda dessa cultura na formação da identidade brasileira. Há registros significativos sobre sua presença na literatura, na música e nas tradições orais, como na própria literatura de cordel, entre outras manifestações. Um aspecto pouco explorado, mas frequentemente destacado por Aziz Ab'Saber em suas conferências, é a chegada dessa influência antes mesmo das ondas migratórias modernas. Ele recorria à obra de Darcy Ribeiro, especialmente ao capítulo “Matriz lusa” do livro *O povo brasileiro* (1995), para explicar como a cultura árabe foi incorporada à formação nacional por meio da presença moura na Península Ibérica — legado que os portugueses trouxeram consigo ao desembarcar no Brasil no século XVI.

Essa herança se manifesta em diversas áreas: na navegação, com o uso das caravelas, instrumentos de direção e mapas; na culinária, com o açúcar, no processo de destilação e na conservação de alimentos; e na língua, com a introdução de vocábulos e estruturas gramaticais. Segundo o filólogo Antonio Houaiss, cerca de 20% do vocabulário da língua portuguesa tem origem árabe. A arquitetura também revela essa presença, com edificações mouriscas emblemáticas no Rio de Janeiro e na Bahia. Assim, quando os fluxos migratórios do século XIX e início do século XX se intensificaram, o Brasil já contava com uma base cultural árabe bastante enraizada.

⁶ Disponível em: <https://prefeitura.sp.gov.br/web/comunicacao/w/noticias/135726>. Acesso em 24 de jun. 2025.

Esses fluxos migratórios, especialmente de libaneses e sírios, nem sempre seguiram os caminhos oficiais pelas hospedarias de imigrantes de São Paulo ou do Rio de Janeiro. Muitos vinham em redes informais, guiados por familiares ou conhecidos já estabelecidos no país. Em muitos casos, não sabiam se estavam vindo para o Brasil, Argentina ou Estados Unidos — sabiam apenas que estavam indo para a América em busca de um novo mundo. As migrações aumentaram significativamente após a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, trazendo também um número crescente de palestinos.

Após o falecimento de Aziz em 2012, e diante das transformações políticas e da pandemia de Covid-19, muitos estudos foram interrompidos. Ainda são poucos os pesquisadores dedicados ao tema. Mas uma nova fase se inicia, com a retomada de projetos por meio da Cátedra Edward Saïd e da Câmara Árabe, que avançaram na digitalização de acervos e firmaram novos acordos de cooperação.

A partir de uma parceria entre a Cátedra Edward Saïd da Unifesp e a Câmara de Comércio Árabe Brasileira, com o apoio do Instituto da Cultura Árabe e da Universidade Saint-Esprit de Kaslik, é possível vislumbrar atualmente uma retomada consistente dos estudos sobre a imigração árabe. A Câmara Árabe vem avançando significativamente no processo de digitalização de diversos acervos pertencentes a entidades, pesquisadores e institutos. Agora, a Cátedra firmou um importante acordo para a análise desses acervos, no âmbito de projetos de pesquisa iniciados em 2022, que já resultaram em algumas publicações.

O Brasil acolheu a cultura árabe como acolheu tantas outras, integrando-a ao seu tecido social. Apesar das tentativas históricas de promover preconceitos e estigmas — como discutido anteriormente —, sírios, libaneses e palestinos contribuíram e seguem contribuindo para a construção do país. Nesse sentido, o projeto *Al Mahjar*, assim como a atual parceria entre a Cátedra Edward Saïd, a Câmara de Comércio Árabe Brasileira e o Instituto da Cultura Árabe, representa uma força renovada na promoção do conhecimento, da reflexão e, sobretudo, da valorização da diversidade como um bem comum.

É um ciclo que se encerra e outro que se inaugura, impulsionado por novas pesquisas, parcerias e articulações entre aqueles que preservam essa história. Ao estudarmos as imigrações e suas múltiplas influências, desfazemos estereótipos, promovemos o respeito mútuo e aprendemos a olhar para o outro como extensão de nós mesmos. Trata-se de uma contribuição essencial para ressignificar contextos que, hoje, desafiam nosso processo civilizatório. Permanecerão conosco os legados e a herança dos que trabalharam por esse reconhecimento. Aziz Ab'Saber e Edward Saïd seguirão presentes — em espírito e referência — nos encontros e conquistas que ainda virão.

Referências bibliográficas

- Khatlab, R. (2011). *As viagens de D. Pedro II: Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876* (2ª ed.). Editora Melhoramentos / Instituto da Cultura Árabe (ICArabe).
- Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras.
- Said, E. W. (1996). *Cultura e imperialismo* (S. M. Rouanet, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1993).

Said, E. W. (2005a). *Fora do lugar: Memórias* (L. D. L. Ventura, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1999).

Said, E. W. (2005b). *Representações do intelectual: As conferências Reith da BBC* (A. M. A. Rocha, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1994).

Said, E. W. (2007). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* (R. Cezar & F. Nogueira, Trans.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1978).

DOI desta publicação: <https://doi.org/10.34024/94nw6c43>.